

Ensino da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) como segunda língua para falantes da Língua Portuguesa¹

Teaching of the Brazilian Sign Language (LIBRAS) as a
second language for speakers of Portuguese Language

Adriano de Oliveira Gianotto²
Heitor Romero Marques³

¹ Trabalho apresentado na Universidade Católica Dom Bosco, Programa de Mestrado em Desenvolvimento Local em contexto de territorialidades.

² Graduado em Pedagogia pela Universidade Leonardo da Vinci, Pós-Graduado Lato Sensu em LIBRAS na mesma universidade. Proficiente em LIBRAS/MEC. Atua como Professor de LIBRAS na Secretaria Municipal de Educação de Campo Grande, MS (SEMED). E-mail: adriatto@outlook.com

³ Licenciado em Ciências e Pedagogia (FUCMT), Especialista em Filosofia e História da Educação (FUCMT), Mestre em Educação – formação de professores (UCDB) e Doutor em *Desarrollo Local y Planteamiento Territorial* (UCM). E-mail: heiroma@ucdb.br

RESUMO ABSTRACT

Esse artigo nos convida a refletir sobre o ensino da Língua Brasileira de Sinais - Libras para a comunicação entre a pessoa surda e a falante da Língua Portuguesa. Visa à verdadeira inclusão do sujeito surdo em todas as áreas da sociedade. Expõe metodologias de ensino de línguas e foca-se no método Comunicativo. Abrange as ideias de Gesser e Almeida Filho. Remetem-se as reflexões de Maturana e Varela, bem como de Chauí. Estimula a phronesis entre o ensinar e o aprender. Motiva o ensino de uma segunda língua de forma a efetivar a comunicação entre as pessoas. Protagoniza a dialogicidade entre as pessoas e a múltiplas aprendizagens. Traz orientações sobre o ensino de Libras estabelecendo vínculos com a experiência de vida. Percorre caminhos formativos, da instrução a pedagogização do ensino, capaz de transformar o ensinante em aprendente e o aprendente em ensinante. Essa pesquisa mostra-se importante, uma vez que os cursos de uma segunda língua efetivem a busca por novos conhecimentos capazes de aproximar os homens (os seres humanos).

PALAVRAS-CHAVE

ensino de língua
segunda língua (L2) LIBRAS
metodologia

This article invites us to reflect about teaching Brazilian Sign Language - Pounds for the communication between the deaf person and the speaker of Portuguese Language. It aims to true inclusion of the deaf subject in all areas of society. It exposes methods of language teaching and focuses on communicative method. It encompasses the ideas Gesser and Almeida Filho. It remember the reflections of Maturana and Varela, as well as Chauí. It stimulates phronesis between teaching and learning. It motivates the teaching of a second language in order to accomplish the communication between people. The research highlights the dialogicity between people and multiple learning. It provides guidances about the Pounds teaching establishing links with the experience of life. It passes through formative ways of the instruction pedagogization teaching, capable of transforming the "ensinante" in learner and the learner in "ensinante". This research becomes important, because the a second language courses provide the search for new knowledge capable of approaching men (humans).

KEY WORDS

*language teaching
second language (L2) LIBRAS
methodology*

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo esclarecer a importância do ensino da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) para a comunicação entre a pessoa surda e a ouvinte, sendo um direito garantido em lei, visando à verdadeira inclusão do sujeito surdo em todas as áreas e setores da sociedade.

Para que a propalada inclusão social seja efetivada é necessário que as pessoas sejam tidas e tratadas em toda a dimensão humana e, para tanto, devem ser levadas em consideração todas as formas de comunicação interpessoal. Nesse sentido, a pessoa surda deve ser vista e tratada sem que recaia sobre ela nenhuma forma de discriminação, ao contrário, como alguém que é perfeitamente capaz de agir de modo produtivo e perfeitamente integrada no contexto social.

2 CONTEXTO TEÓRICO-PRÁTICO

A pesquisa que deu origem a este trabalho levou em consideração a experiência do autor, como instrutor/professor de LIBRAS há 13 anos, atendendo em formações profissionais e cursos oferecidos pela Secretaria Municipal de Educação de Campo Grande (SEMED) a diferentes grupos de pessoas (profissionais da educação, pais, alunos e pessoas que convivem com surdos) que têm a Língua Portuguesa como primeira língua (L1). O grande desafio é a *phronesis* (a ligação/conexão) entre os dois aprendizados. O autor tem como primeira língua (L1) a LIBRAS, sua segunda língua (L2) é a Língua Portuguesa. Para os que têm como primeira língua (L1) a Língua Portuguesa, o desafio é aprender uma segunda, a LIBRAS. Tanto o instrutor/professor quanto os participantes das formações e cursos são desafiados o tempo todo. A língua falada por um ou por outro toma a expressão de que “viver é conhecer” (MATURANA; VARELA, 1990).

O que faz parte do cotidiano de um (a língua falada) precisa ser apreendido pela outra parte, de forma a garantir a comunicação. Estratégias são criadas para dar forma e voz a essa comunicação, e é a partir desse fato que “temos que considerar a educação e o educar” (MATURANA; VARELA, 1991, p. 26). Dessa forma, compreendemos que o processo de aprender e apreender uma nova língua faz parte de um

processo educacional expresso na construção da cidadania, tendo como estratégia principal a aprendizagem coletiva.

A relação de aprendizagem entre os falantes da Língua Portuguesa e o da LIBRAS passa por uma “metodologia da primeira pessoa” – do eu. Esse eu não se isola, mas se coloca numa postura de abertura ao eu do outro. Ninguém aprende sozinho, mas aprende-se com o outro. Essa metodologia do eu, defendida por Maturana e Varela (1991), chega aos nossos dias sendo defendida pela ideia da coletividade. As duas línguas precisam ser ensinadas e aprendidas. Possuem valores autopoieticos. Dessa forma, o instrutor/professor precisa pensar em metodologias para o ensino de LIBRAS de melhor adequação aos ouvintes. Deve-se fazer uso de muitos recursos visuais, dinâmicas em grupos, trabalhar com imagens e vídeos, com legenda e sinais.

A metodologia usada por um professor surdo é incorporada pelo grupo que participa das formações e dos cursos, e esses participantes passam a expressar a sua própria língua numa dinâmica que possibilita a troca entre o ensinante e o aprendente e vice-versa.

A LIBRAS como segunda língua (L2) para os falantes da Língua Portuguesa torna viva a “circularidade do viver/conhecer/viver” (MATURANA; VARELA, 1999, p. 23). Para quem ensina a LIBRAS cabe, acreditamos, a pesquisa incessante de diversos métodos de ensino para que a os falantes da Língua Portuguesa “respirem” e “coloquem” em prática o que aprenderam com as pessoas surdas que, de uma forma ou outra, cruzam seus caminhos.

Este artigo propõe uma breve exposição de alguns métodos de ensino de línguas utilizados para ensinar os falantes da Língua Portuguesa (L1) uma segunda língua – a LIBRAS (L2), com base nos estudos da linguista Audrei Gesser e no método comunicativo de Almeida Filho. Finaliza-se o trabalho com relatos de experiência que efetivam a *phronesis* entre L1 e L2.

3 LIBRAS - IMPORTÂNCIA NA SOCIEDADE E RECONHECIMENTO LEGAL

É importante mostrar que a LIBRAS foi reconhecida como língua pelo legislativo no ano de dois mil e dois, depois de muitas lutas da comunidade surda. A Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002, garante à pessoa surda o direito à educação bilíngue, a inclusão educacional e

social. A mesma norma dá incentivo para que toda a sociedade conheça e aprenda a se comunicar em LIBRAS, conforme se vê *in verbis*:

Art. 1º - É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais Libras e outros recursos de expressão a ela associados. Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

Art. 2º Deve ser garantido, por parte do poder público em geral e empresas concessionárias de serviços públicos, formas institucionalizadas de apoiar o uso e difusão da Língua Brasileira de Sinais - Libras como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil.

O Decreto n. 5.626/05 regulamenta a Lei n. 10.436. Em seu Capítulo IV, Artigo 14, Parágrafo 1º, Inciso V, propõe o apoio na comunidade escolar do “uso e a difusão de Libras entre professores, alunos, funcionários, direção da escola e familiares, inclusive por meio da oferta de cursos”. Em consonância com esse Decreto, a Secretaria Municipal de Educação de Campo Grande (SEMED), por meio da Divisão de Educação Especial, oferece gratuitamente cursos de Libras, desde 2004, para professores e familiares de surdos, alunos e comunidade em geral. O objetivo desses cursos é favorecer o uso e o ensino da LIBRAS, como meio de comunicação objetiva para atender a singularidade linguística das pessoas surdas, propiciando-lhes assim a verdadeira inclusão em todas as esferas da sociedade.

Por causa dos efeitos sociais desses documentos, há necessidade de professores qualificados que atuem no ensino da LIBRAS. Esses professores devem ter o domínio do conteúdo e o conhecimento didático/metodológico capaz de possibilitar a aprendizagem na relação L1 e L2 de forma mais efetiva.

Para que cursos de LIBRAS não sejam apenas oferecidos a fim de cumprimento da lei, é necessário não apenas rediscutir o processo de formação do professor, mas também refletir sobre as metodologias de ensino da LIBRAS.

Na instituição superior e na escola, existem situações problemáticas que vão desde a grande carência de profissionais qualificados, que atendam as demandas da oferta da disciplina, a ausência de meto-

dologias específicas para o ensino de LIBRAS, as particularidades dos surdos e mesmo para as demais pessoas com necessidades educacionais especiais, chegando, até mesmo, à inexistência de material didático para o ensino e aprendizado de LIBRAS.

2.1 Métodos de ensino de L2 para ouvintes

Para o ensino de segunda língua e/ou língua estrangeira, surgiram muitos métodos ao longo das décadas.

Para Gesser (2010), a metodologia para o ensino de língua constitui um conjunto de princípios de práticas pedagógicas presentes aplicáveis no processo de ensino-aprendizagem de línguas, e isso envolve um conjunto de visões e crenças sobre o objeto de ensino, a língua (linguagem), a forma de ensinar e a forma como cada um aprende. Abaixo estão descritos alguns desses métodos.

2.1.1 Método clássico e método da tradução e gramática

De acordo com Schröter (2004 *apud* NEVES, 2011), o método clássico e método da tradução e gramática remonta ao ensino de Latim, principalmente entre os séculos XVI a XVIII. Nessa época, o objetivo era aprender a gramática dessa língua e, por meio dela, ter acesso aos textos clássicos. Sendo assim, não se pretendia que os alunos se tornassem capazes de falar ou compreender auditivamente latim, mas somente ler e compreender textos escritos.

MÉTODO CLÁSSICO E MÉTODO DA TRADUÇÃO E GRAMÁTICA

| Características | Objetivos | Papel do aluno | Papel do professor | Atividades e Materiais |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------|
| Conjunto de regras explícitas; aprendizagem feita por meio de regras gramaticais e vocabulário (dedutivamente). | Aprender as formas literárias da L2; aprender <i>sobre</i> a língua; a habilidade comunicativa oral não é relevante. | Passivo e receptor de informações; interação mínima com o grupo e professor. | Autoridade total, figura central e responsável pela correção de todos os erros do aluno; provedor de informações. | Tradução de textos e materiais literários. |

Fonte: Brown (1994 *apud* GESSER, 2010, p. 23)

2.1.2 Método seriado

A história dos métodos de ensino de línguas é vasta. Não faltam modelos, exemplos e tentativas postulando fórmulas e roteiros. Para ensinar línguas, considera-se que cada método apresenta princípios, características e técnicas específicas. Para cada método, é possível verificar que as abordagens norteadoras de cada um, recaem ora mais para a forma, ora mais para o uso da língua (GESSER, 2010).

No Brasil, o início do movimento comunicativo se deu nos últimos anos da década de 1970 e surgiu da necessidade de que os alunos atingissem a competência comunicativa na língua alvo. De acordo com Almeida Filho (2001), a importância está voltada para a língua social e saber usá-la em situações reais.

Para se chegar à abordagem comunicativa, várias experiências aconteceram, a partir de diversos métodos, conforme exposto anteriormente, no entanto nenhum destes foi efetivamente adequado para atingir o objetivo de comunicação. Assim surgiu o termo comunicativo no ensino de línguas estrangeiras.

MÉTODO SERIADO

| Características | Objetivos | Papel do aluno | Papel do professor | Atividades e Materiais |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------|
| Ensino indutivo da gramática; não há preocupação com a ordem gramatical; ensino conceitual sem explicação das regras; ensino direto sem traduções. | As regras gramaticais servem como <u>meio</u> para desenvolver os conceitos. | Receber e absorver o conteúdo de cada lição apresentada. | Central; o professor conduz o conteúdo de acordo com o material didático. | Várias seqüências de sentenças interligadas logicamente. |

Fonte: Brown (1994 *apud* GESSER, 2010, p. 23)

2.1.3 Método audiolingual

Conforme relata Schröter (2004 *apud* NEVES, 2011), o método audiolingual surgiu na década de 1940, nos Estados Unidos, tendo sofrido influências significativas da teoria estruturalista e da comportamental

(ou condutivista) vigentes na linguística e psicologia, respectivamente. A visão estruturalista se manifesta no método audiolingual por meio do foco na língua falada, tanto na sua produção quanto na sua compreensão. Nesse método, em oposição ao método gramática-tradução, a escrita deixa de ter um papel tão importante, uma vez que o foco está no desenvolvimento das habilidades orais.

AUDIOLINGUAL

| <i>Teoria de língua(gem)</i> | <i>Teoria de aprendizagem</i> | <i>Objetivos</i> | <i>Conteúdo</i> |
|--------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Língua(gem) é um sistema de estruturas governadas por regras hierarquicamente organizadas. | Formação de hábito; as habilidades são aprendidas mais efetivamente se a oralidade anteceder a escrita. | Controle das estruturas do som, forma e ordem; domínio da língua igual ao nativo. | Conteúdo graduado da fonologia, morfologia e sintaxe. Análise contrastiva. |
| <i>Tipos de atividades</i> | <i>Papéis dos aprendizes</i> | <i>Papéis dos professores</i> | <i>Papéis dos materiais</i> |
| Diálogos e <i>drills</i> , repetição e memorização, prática por imitação de modelos. | Organismos que podem ser direcionados pelo treinamento habilidoso de técnicas para produzir respostas corretas. | Central e ativo. Promove o modelo, controla a direção e o ritmo. | Orientado primariamente para o professor. Fitas e recursos visuais, laboratório de línguas freqüentemente usado. |

Fonte: Brown (1994 *apud* GESSER, 2010, p. 23)

2.1.4 Método comunicativo

Semelhantemente a outras modalidades, o processo ensino-aprendizagem da LIBRAS pode se tornar mais efetivo quando se promovem situações, nas quais se faz uso da língua, para que o aluno possa se expressar naturalmente. Para Neves (2011, p. 22),

Essas situações levam os alunos ao contato com aspectos mais amplos da língua – seu uso e aspectos gramaticais próprios – fomentando seu conhecimento linguístico. As situações interativas sempre exigem um contexto comunicativo e é nesses momentos que os alunos têm que usar a língua em um contexto próprio que pede mais que o léxico.

MÉTODO COMUNICATIVO

| Teoria de língua(gem) | Teoria de aprendizagem | Objetivos | Conteúdo |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Língua(gem) é um sistema para a expressão do significado; função primária – interação e comunicação. | Atividades envolvendo comunicação real; conduz tarefas comunicativas; usa língua que é significativa para os aprendizes. | Os objetivos refletirão as necessidades dos alunos; incluirão habilidades funcionais bem como objetivos lingüísticos. | Incluirá um ou todos os seguintes: estruturas, funções, noções, temas, tarefas. A ordem será guiada pela necessidade do aprendiz. |
| Tipos de atividades | Papéis dos aprendizes | Papéis dos professores | Papéis dos materiais |
| Envolve os aprendizes em comunicação, em processos como troca de informação, negociação de significados e interação. | Aprende como negociador, que dá e recebe nas interações. | Facilitador do processo de comunicação, das tarefas dos participantes e textos; analista das necessidades, conselheiro, gerente do processo. | Papel primário em promover uso comunicativo da língua; materiais baseados em tarefas; autênticos. |

Fonte: Brown (1994 *apud* GESSER, 2010, p. 13-23)

A seguir, alguns princípios que norteiam a abordagem comunicativa de acordo com Almeida Filho (1993, p. 78):

- 1) essa abordagem considera as variantes da Segunda língua (língua-alvo) e as situações reais de comunicação com que o aprendiz possa vir a entrar em contato, e a aula procura prepará-lo para tal;
- 2) não há sistematização em termos de estrutura ou do ensino de itens e situações;
- 3) as atividades ou tarefas são os principais meios no processo de ensino/aprendizagem. O assunto deve ser interessante e/ou necessário para o aprendiz;
- 4) ao fazer uso de textos, estes devem ser autênticos;
- 5) a aquisição da língua-alvo acontece através dela mesma, interagindo-se na língua-alvo;
- 6) em sala de aula, o professor controla a sua linguagem, assim como um adulto o faz, quando conversa com uma criança;
- 7) o professor é um facilitador;

- 8) a proficiência se desenvolve gradativamente;
- 9) não há uma única e correta metodologia;
- 10) a explicação de itens gramaticais ocorre quando essa necessidade é sentida por parte do aprendiz;
- 11) o ambiente em sala de aula deve encorajar o aluno;
- 12) a sala de aula é considerada uma ilha cultural.

Para esse mesmo autor, em uma aula comunicativa é importante que haja um clima de confiança, uma atmosfera amigável em que haja oportunidades de compreensão, expressão, troca de experiências de nível pessoal e que sejam significantes e incentivadoras. O professor se porta como facilitador, “levanta as expectativas do grupo, codifica seus tópicos e temas, prepara o momento e formas de contato com a nova língua, e acima de tudo, mantém ou imprime um ritmo justo de busca de aprendizagem por parte dos alunos” (ALMEIDA FILHO, 1993, p. 52).

3 RELATO DE EXPERIÊNCIA

Adriano de Oliveira Gianotto experiencia em seu cotidiano a LIBRAS. É surdo de nascença. É falante dessa língua. Isso o oportunizou trabalhar como instrutor de LIBRAS por cerca de dez anos. Formou-se em Pedagogia em 2012. A licenciatura, por vez, o fez deixar de lado a nomenclatura “instrutor” e o habilitou como “professor”. Não atua como professor em sala de aula. O que aprendeu durante o curso de Pedagogia, permitiu-lhe rever as velhas práticas e, pedagogicamente falando, traçar novas metodologias no processo de alfabetização – agora, da Libras como L2 para falantes da Língua Portuguesa (L1). Devido à precarização da L2 como componente escolar e por estar em contínuo aprendizado, no campo da alfabetização, da Língua Portuguesa, hoje atua como professor em cursos de formação que ensinam a Libras como uma segunda língua. De certa forma, tem o trabalho de alfabetizar tantas pessoas na sua língua materna. Já trabalhou em diversas instituições e ministrou cursos para grupos de pessoas de diferentes campos da sociedade.

Seu maior empenho é ultrapassar os desafios impostos pelo próprio processo de alfabetização que envolve ensinante e aprendente de outra língua. Ensinar a língua materna e aprender uma segunda língua, da qual não tem domínio, não parece ser tão fácil. Igualmente,

quem se comunica com a Língua Portuguesa enfrenta as dificuldades da comunicação em LIBRAS. Os dois lados são desafiados. A beleza do desafio é ultrapassá-lo, não como maneira de subjugá-lo, mas como possibilidade de ativar elos que devem ser considerados como a abordagem do “dever e seus fluxos” (MATURANA; VARELA, 1999). As orientações a seguir, permitem a compreensão do processo “ensinante-aprendente e aprendente-ensinante”, partindo da Língua Portuguesa como L1 para a Libras como L2:

- 1) Os alunos precisam evitar falar durante as aulas, pois atrapalham a explicação do professor;
- 2) É importante que os alunos se esforcem para comunicar com o professor, mesmo não sabendo todos os sinais de Libras, visto que também a expressão facial e corporal faz parte da comunicação com a pessoa surda, não só os sinais;
- 3) É necessário que os alunos prestem atenção nas expressões faciais e corporais do professor;
- 4) Para o desenvolvimento do processo de aprendizagem da L2, é necessário que alunos, além de frequentarem as aulas, participem da comunidade surda;
- 5) Precisam levar para as aulas apostilas, *pen drive*, HD, DVD virgem, para que possam salvar os materiais fornecidos pelo professor.

A postura profissional destaca-se pelos atos de:

- 1) Planejar aulas utilizando-se de metodologias diversas que facilitem a comunicação;
- 2) Motivar os alunos, não exigindo fluência perfeita e não os corrigindo a cada erro;
- 3) Disponibilizar vídeos, textos e atividades para que os alunos estudem e pratiquem a libras fora da sala de aula.

A vivência da surdez o fez buscar mecanismos que colocassem em prática a comunicação e facilitasse o seu diálogo com o mundo. Ser surdo não o torna incapaz de enfrentar os desafios do mundo, ao contrário, na dialogicidade ele redesenha as relações humanas, por acreditar que na vida há a inseparabilidade entre o ensinar e o aprender.

De toda forma observa-se que a *phronesis* entre ensinar e aprender não faz parte de uma subjetividade inatural, pois se aprende e se

torna humano na realidade da “palavra” (CHAUÍ, 2002, p. 136) que se efetiva como comunicação. O ser humano não é uma ilha ou um vazio no espaço. A comunicação humana efetiva o “ser capaz de” uma vez que “a linguagem é inseparável do homem, segue-o em todos os seus atos” (HJELMSLEV *apud* CHAUÍ, 2002, p. 137).

A Lei n. 10.436 efetiva a união das línguas e, como dizia Platão, serve de *pharmakon*, ou seja, “pela comunicação conseguimos descobrir nossa ignorância e aprender com os outros” (CHAUÍ, 2002, p. 137). Esse artigo é um convite à reflexão e nos chama à prática sobre a realidade que envolve a L1 e L2 (da Língua Portuguesa para a LIBRAS) e da L1 e L2 (da LIBRAS para a Língua Portuguesa), não necessariamente como uma primeira ou segunda língua, mas como dimensão de autonomia no processo da aprendizagem. Surdos e não surdos precisam do ambiente educacional, e esse ambiente precisa facilitar as relações do ensinar e aprender.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo das metodologias de ensino de uma segunda língua deve emergir das necessidades do grupo e devem promover o diálogo para além das fronteiras impostas. Iniciar o processo de aprendizagem de uma segunda língua é vivenciar a complexificação, ou seja, adentrar o mundo da reflexão sobre nós mesmos e nossos processos de aprendizagens.

O estudo permitiu compreender que não basta o ensino das técnicas, que, por mais eficazes que possam ser, por si só, não resolvem o problema da inclusão do surdo no contexto social. É preciso que o surdo sinta-se perfeitamente integrado no contexto social enquanto pessoa produtiva, e isso será facilitado à medida que mais pessoas souberem se comunicar pela LIBRAS.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, J. C. P. *Dimensões comunicativas no ensino de línguas*. Campinas, SP: Pontes, 1993.

BRASIL. Lei n. 10.436 de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS e dá outras providências.. Brasília, D.

_____. Decreto n. 5.626 de 2005. Regulamenta a Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS, e o art.18 da Lei n. 10.098, de 19 de dezembro de 2000.. Brasília, DF.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. 12. ed. São Paulo: Ática, 2002.

_____. *Metodologia de ensino em LIBRAS como L2*. Florianópolis, SC: UFSC, 2010.

MATURANA, R. H.; VARELA, F. J. *El árbol del conocimiento*. Santiago, Chile: Universitária, 1999.

_____. *Emociones y lenguaje*. Santiago, Chile: Hachette, 1991.

